



**Centro Universitário de Brasília**

**Faculdade de Ciências da Saúde**

## **Aspectos Comportamentais de Lontras (*Carnívora, Mustelidae*)**

**Renata Maranhão Bressan Rêgo**

**Brasília – 2001**

Centro Universitário de Brasília  
Faculdade de Ciências da Saúde  
Licenciatura em Ciências Biológicas

## Aspectos Comportamentais de Lontras (Subfamília: *Lutrinae*)

Renata Maranhão Bressan Rêgo

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Saúde do Centro Universitário de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Daniel Louzada da Silva

Brasília – 2001

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Deus por ter me dado tantas oportunidades, aos meus familiares pelo apoio e carinho recebidos, aos professores Daniel Louzada da Silva e Marcelo Ximenez pela orientação e empréstimo de material para a realização deste trabalho, e a amiga Ana Cláudia Lelis pela tradução do material em inglês.

## RESUMO

As lontras são mamíferos dotados de hidrodinâmica e membranas interdigitais nos dedos das patas que permitem uma excelente adaptação ao estilo de vida semi-aquático. São representantes da família *Mustelidae* e subfamília *Lutrinae*. Atualmente são encontradas treze espécies de lontras, distribuídas pelos Continentes: Americano, Europeu, Asiático e Africano. Elas ocupam uma grande variedade de habitats que podem variar desde pântanos e canais de irrigação até áreas costeiras. Aspectos morfológicos como tamanho e pelagem, bem como o comportamento, podem variar de acordo com as necessidades, de uma espécie para outra. O metabolismo das lontras é mais rápido que o de animais terrestres de tamanho similar, afetando o comportamento e a sequência de duração das atividades. As lontras são animais bastante ativos, sendo que os animais em cativeiro são mais brincalhões que os selvagens. A poluição, a caça e a destruição do habitat têm desempenhado papéis importantes no declínio da população de lontras, sendo algumas espécies ameaçadas de extinção. É necessário que medidas como: melhorar a legislação, investir na educação ambiental, aperfeiçoar o controle da poluição e proteção ao meio ambiente, sejam tomadas para reverter a situação, antes que essas espécies sejam totalmente extintas.

## ÍNDICE

1. Introdução.....	01
2. História Evolutiva e Classificação das lontras.....	02
3. Distribuição Geográfica e Habitat das Lontras.....	02
4. Aspectos Morfológicos das Lontras.....	03
5. Aspectos Comportamentais das Lontras	
5.1 Comportamento Social.....	05
5.2 Comunicação.....	08
5.3 Hábitos Alimentares.....	09
5.4 Demarcação do Território e Higiene.....	09
5.5 Reprodução e Cuidados com a Prole.....	10
6. Conservação.....	12
7. Referências Bibliográficas.....	15

## 1. Introdução

Segundo Carthy (1980), pode-se definir comportamento como aquilo que é percebido das reações de um animal ao ambiente que o cerca e que são, por sua vez, influenciadas por fatores internos variáveis.

Existem muitos fatores que atuam entre o início e o final de um processo comportamental. Sendo assim, é rara a relação direta entre estímulo e resposta, pois estão envolvidos outros fatores como a constituição genética do animal, o seu estado fisiológico atual, e a sua experiência adquirida. Portanto, a motivação de um animal, e a prontidão com que responde a determinados estímulos, não permanecem constantes, mas podem ser alteradas conforme o estado hormonal do animal, seu grau de fome, o período do dia, o comportamento precedente, etc. Especialistas sugerem que o comportamento dos animais é organizado para garantir um estado fisiológico estável ou ótimo, para determinada circunstância (Carthy 1980).

É importante ressaltar que o comportamento natural do animal pode ser alterado de acordo com o ambiente e as circunstâncias que o cercam, como é o caso dos animais mantidos em cativeiro ou em laboratórios. Sendo portanto, o comportamento, mais do que qualquer característica estrutural, desenvolvido junto ao ambiente e com o “ feedback” do mesmo (Carthy 1980).

O comportamento animal varia de espécie para espécie. Poucas espécies vivem em solidão, pois a maioria delas precisa, no mínimo, encontrar um parceiro de sua espécie. São muitos os animais que vivem em grupos, que podem ser temporários ou permanentes. Esses agrupamentos exigem algumas adaptações comportamentais, de modo, a assegurar a coesão do grupo. Nos vertebrados, principalmente nos mamíferos, a experiência é fundamental no comportamento social e intervém das relações entre parceiros, como na formação do casal, nas relações entre mãe e filho, ou nas relações entre adultos, na forma de hierarquia de dominância (Carthy 1980).

A subfamília *Lutrinae*, constituída por lontras e ariranhas, possui características comportamentais próprias e adaptadas ao meio ambiente em que vive. Este trabalho tem por objetivo analisar a subfamília *Lutrinae* enfocando o

comportamento destes animais, e as estratégias de conservação em vida livre e em cativeiro.

## **2. História evolutiva e classificação das lontras**

As lontras evoluíram de mamíferos terrestres que passaram a se abrigar na água. A primeira lontra viveu na França há vinte e cinco milhões de anos e era conhecida como *Potamotherium*. Este animal tinha um corpo sinuoso, pernas curtas como as lontras atuais, visão e audição sensíveis, além de possuir também, um estilo de vida similar às lontras modernas (Marshall 1986).

O corpo das lontras possui um formato que lembra os demais membros da família *Mustelidae*, a qual pertencem. Porém, o seu corpo foi sendo adaptado por um longo período de tempo, de modo a permitir um estilo de vida aquático (Marshall 1986).

As lontras pertencem à família *Mustelidae* e subfamília *Lutrinae*, porém o número de espécies pode variar entre treze espécies, de acordo com as classificações mais recentes, ou nove espécies, o que ainda é aceito por muitos zoologistas (Marshall 1986; IUCN 1992; Pardini 1998).

Essa divergência na classificação ocorre devido ao fato de, às vezes, três lontras pertencendo ao gênero *Lutra*, serem classificadas juntas para formar o grupo conhecido como “lontras do rio” (Marshall 1986).

## **3. Distribuição Geográfica e Habitat das lontras**

Atualmente as lontras encontram-se distribuídas pela América do Norte, América Central, América do Sul, Europa, Ásia e África. Os únicos continentes sem lontras são a Austrália e a Antártica (Marshall 1986; IUCN 1992; Pardini 1998).

As lontras ocupam uma grande variedade de habitats, habitando em ribeirões de montanhas, cursos de rios maiores, canais de irrigação, pântanos, e áreas costeiras. Contudo, onde quer que elas vivam, todas estão restritas à água de

um jeito ou de outro (Marshall 1986; IUCN 1992; Helder-José & Ker de Andrade 1997).

Enquanto a maioria das lontras depende de água fresca para beber e limpar seu pêlo, algumas espécies como a lontra marinha *Enhydra lutris*, dependem completamente da água salgada e raramente se aventuram sobre a terra. Todas as outras espécies descansam e dão a luz aos seus filhotes na terra (IUCN 1992).

#### **4. Aspectos morfológicos das lontras**

As lontras são bem adaptadas ao estilo de vida aquático, com seus corpos dotados de uma hidrodinâmica que facilita a locomoção através da água. Seu corpo é comprido com o formato de um “torpedo”, conferindo o mínimo de resistência e o máximo de velocidade na água, com pernas curtas e uma cauda grossa, adaptada com sucesso ao estilo de vida semi-aquático (Marshall 1986; IUCN 1992).

Elas possuem uma membrana interdigital entre os dedos das patas, que lhe auxilia a nadar mais rápido. Porém, a quantidade de membrana interdigital, varia de espécie para espécie, de acordo com suas necessidades (Salvo Souza & Best 1982; Marshall 1986; IUCN 1992).

A maioria das lontras possui garras. As lontras de rios têm garras afiadas e curvadas para segurar peixes escorregadios e escalar as margens enlameadas dos rios, com grande quantidade de membrana interdigital. Enquanto isso, as lontras sem garra, possuem dedos sensíveis que são usados para apalpar e pegar a presa em águas enlameadas. As lontras marinhas (*Enhydra lutris*) têm dedos curtos, com a pata dianteira dotada de fortes almofadas, apropriadas para segurar presas escorregadias e espinhosas. As garras das lontras marinhas podem ser puxadas para dentro das patas quando não estão em uso. A pata posterior da lontra marinha *Enhydra lutris* é grande e completamente preenchida por membrana interdigital, sendo que na maioria das espécies, a pata traseira é maior que a pata dianteira (Marshall 1986).

O pêlo da lontra é grosso, a fim de proporcionar o máximo de proteção em relação a água e ao frio. Porém existem momentos, que essa densa pelagem causa



um superaquecimento no animal e é necessário que a lontra exponha suas patas ao ar, permitindo que o calor saia através da pele. A coloração da pelagem varia de indivíduo para indivíduo, e a espessura do pêlo depende do habitat do animal (Salvo Souza & Best 1982; Marshall 1986; IUCN 1992).

Apesar do pêlo da lontra ser bastante grosso, não é suficiente para mantê-la aquecida em águas geladas, e por isso, a taxa metabólica da lontra é superior à dos animais terrestres de tamanho similar. Em outras palavras, as lontras se alimentam mais rápido e em maior quantidade do que animais de tamanho similares, porque devido ao seu metabolismo, precisam providenciar mais energia (Marshall 1986).

A cauda é outra parte importante para a vida da lontra na água, pois é usada tanto como leme quanto como hélice quando o animal nada. A forma e o tamanho da cauda varia de espécie para espécie. O comprimento da cauda da lontra marinha é de aproximadamente um quarto do comprimento total do seu corpo, enquanto que para outras espécies é de aproximadamente um terço. A lontra marinha possui uma cauda menor, porque come a sua presa lentamente e portanto, não precisa nadar muito rápido. E a cauda da lontra gigante, conhecida no Brasil como ariranha, tem a base arredondada e no fim é achatada, possibilitando uma melhor hidrodinâmica ao animal (Marshall 1986).

As feições da lontra também são adaptadas para a vida debaixo da água. Seus olhos são localizados no alto de sua cabeça e suas narinas estão na porção superior do seu focinho, permitindo que ela possa olhar ao seu redor e respirar enquanto o resto do seu corpo está submerso. Quando o animal mergulha, suas narinas fecham-se automaticamente, seus olhos permanecem abertos e suas orelhas achatam-se contra sua cabeça, selando as aberturas contra a água. As lontras enxergam melhor dentro da água do que fora dela, e fecham seus olhos somente quando estão com sono ou em repouso (Marshall 1986).

O crânio das lontras é mais longo e largo do que o de muitos outros carnívoros, e suas faces são curtas. Os dentes posteriores são fortes, e utilizados pela lontras de maneiras diferentes. Enquanto as lontras do rio usam seus dentes posteriores principalmente para segurar os peixes, as lontras marinhas usam os dentes para esmagar as presas que agarram com as patas (Marshall 1986).

O focinho da lontra é largo, com bigodes em cada lado. Esses bigodes são usados para detectar as presas em condições de pouca visibilidade na água (Marshall 1986; IUCN 1992).

Quanto ao tamanho, as lontras variam bastante. As pequenas lontras asiáticas (*Aonyx cinerea*) medem menos de noventa centímetros da cabeça à cauda e pesam cerca de dois quilos e setecentos gramas, enquanto as lontras gigantes (ariranhas) podem atingir o comprimento de um metro e oitenta centímetros e pesar até trinta e quatro quilogramas (Marshall 1986; Carter & Rosas 1997).

## **5. Aspectos comportamentais das lontras**

### **5.1 Comportamento social**

Com exceção das fêmeas e seus filhotes, as lontras dos rios são animais solitários com pequena interação social. Um macho e uma fêmea podem, entretanto, ficar em pares por um curto tempo durante o período de reprodução. Em contraste, as ariranhas vivem em grupos numerosos, com cerca de vinte animais, consistindo em várias famílias. Lontras da Ásia e da África também são bastante sociáveis. As lontras marinhas são vistas em grupos de centenas de animais do mesmo sexo, existindo uma evidência de vínculos sociais (Salvo Souza & Best 1982; Marshall 1986; Carter & Rosas 1997).

As lontras dormem ao ar livre ou em tocas cavadas por elas. Algumas, incluindo as lontras do rio, são geralmente de hábitos noturnos, enquanto outras, como as ariranhas, são ativas durante o dia. As lontras marinhas tendem a ser ativas pela manhã e no final da tarde, embora algumas vezes isso aconteça a noite (Salvo Souza & Best 1982; IUCN 1992).

As lontras são animais difíceis para se detectar, pois têm um modo de vida bastante discreto. A única exceção é em relação às lontras marinhas que por terem o costume de se alimentarem extensivamente durante o dia, passam muito tempo boiando na superfície das águas, comendo ou tomando banho de sol (IUCN 1992).

Embora na terra, a lontra tenha um nítido modo de andar desajeitado e encurvado, na água ela nada com incrível agilidade, comparada somente à foca e

ao golfinho. Quando está nadando devagar na superfície, as patas são usadas para remar, como um cachorro. Embaixo da água, suas patas ficam agarradas ao corpo, exceto quando são necessárias para guiar e as patas traseiras, são então, flexionadas para cima e para baixo (Salvo Souza & Best 1982; Marshall 1986; IUCN 1992).

Ao contrário da crença popular, lontras podem mergulhar apenas por curtos períodos de tempo: cerca de trinta a quarenta segundos, no caso da maioria das lontras do rio e cerca de cinquenta a sessenta segundos no caso das lontras marinhas (IUCN 1992).

As lontras selvagens passam a maior parte do seu tempo, quando acordada, dentro da água procurando comida. A imagem da lontra, no geral, de ser brincalhona é errônea. A maioria dos registros sobre lontras brincalhonas, excluindo as de cativeiro, envolve jovens lontras que correm atrás umas das outras, lutam corpo a corpo e brincam com suas presas. Entretanto, assim como com outros animais, essa brincadeira reforça os vínculos sociais e proporciona um treino essencial para caças futuras e atividades de lutas. Em cativeiro, as lontras tem tempo para brincar porque não precisam gastar horas procurando por comida (Marshall 1986).

As ariranhas são animais sociais, que executam em conjunto suas principais atividades. As brincadeiras entre ariranhas são muito comuns, e consistem em se agarrarem dentro da água, às vezes mordendo o focinho umas das outras, rolando, mergulhando. Elas podem sair da água e correr pequenos trechos pela terra, mergulhando novamente. Esse período de brincadeiras é bastante ruidoso, mas sem qualquer vocalização. É importante ressaltar que as ariranhas cativas gastam muito mais tempo brincando do que as selvagens (Salvo Souza & Best 1982; Carter & Rosas 1997).

Lontras são animais ativos. Elas tem quatro horas de sessão de caça por dia, e como seu metabolismo é rápido, elas precisam comer em intervalos freqüentes. Entre os períodos de caça e alimentação, as lontras gastam seu tempo nas margens dos rios, descansando e dormindo. As lontras machos tendem a ter períodos de atividades mais longos que as fêmeas (Marshall 1986).

Salvo Souza & Best (1982) estudaram o comportamento de aranhas no zoológico de Brasília e concluíram que estas iniciam suas atividades pela manhã, lentamente. Aos poucos, essas atividades vão sendo executadas com mais vigor: o animal nada rapidamente de um lado para o outro do viveiro e vocaliza intensamente. Quando o alimento é jogado, elas o ingerem com grande voracidade, e após estarem saciadas, elas iniciam um período de repouso ou de pouca atividade. Com o passar do tempo, elas ficam ativas novamente, e o ciclo se repete, com exceção que desta vez, após saciarem-se, as aranhas não iniciam o período de pouca atividade, mas realizam atividades de alto custo energético. Isso é explicado pelo fato de que o animal pressentindo a aproximação da noite, pode gastar energia com atividades de manutenção do grupo social – brincadeiras, corte, higiene.

Os mustelídeos tem taxas metabólicas elevadas e não armazenam muita gordura, por isso têm que manter seu balanço energético em curto prazo. Isso afeta seu comportamento e determina a seqüência e duração de várias atividades, fazendo com que o animal procure um ponto ótimo entre seus gastos e consumos (Salvo Souza & Best 1982; Carter & Rosas 1997).

A energia gasta por um animal deve estar em equilíbrio com o alimento consumido, e o predador deve ser capaz de avaliar o valor da presa (em termos de energia proporcionada) (Salvo Souza & Best 1982).

As aranhas cativas gastam cerca de sessenta e sete por cento de seu período total em repouso. As aranhas selvagens gastam cerca de setenta e cinco por cento do seu período total repousando, e dividem seu dia, quase igualmente entre caçar e repousar (Salvo Souza & Best 1982).

A lontra marinha em cativeiro gasta cerca de dez por cento do seu tempo diurno se alimentando, percentagem quase igual à verificada nas aranhas do zoológico de Brasília, que é cerca de oito por cento. Porém o tempo diurno gasto repousando, pela lontra marinha, é de cerca de dezenove por cento, enquanto que nas aranhas é de cerca de trinta e cinco por cento (Salvo Souza & Best 1982).

As aranhas gastam mais tempo nadando (39-46%) do que limpando-se (5%), e as lontras marinhas gastam 24% do tempo diurno nadando e 48% limpando-se. Isso, deve-se ao fato da lontra marinha ser quase totalmente

aquática, onde a temperatura da água é baixa. Por isso, o cuidado com a pelagem é fundamental, pois esta serve como isolante térmico para o animal. As ariranhas, por sua vez, são animais menos aquáticos e habitam um ambiente onde a água é mais quente. Isso, explica a diferença em relação ao tempo gasto pelos dois animais pertencentes à mesma família (Salvo Souza & Best 1982).

## 5.2 Comunicação

As lontras são animais muito barulhentos e respondem de diferentes maneiras a cada tipo de situação ou estado de excitação. Sendo que, em ariranhas cativas foram identificados seis tipos de vocalizações diferentes, cada uma associada a uma situação específica (Salvo Souza & Best 1982).

De acordo com Salvo Souza & Best (1982), as vocalizações podem ser classificadas em:

- a. Grito ondulado: vocalização muito alta, geralmente prolongada, que pode ser modulada com o abrir e fechar da boca. Esse som ocorre quando o grupo está altamente excitado, sendo observado nos períodos anteriores à alimentação. À medida que o ritmo de atividades é reduzido, a intensidade do grito ondulado decresce.
- b. Murmúrio: vocalização baixa, contínua, prolongada, ligeiramente nasalada, emitida com a boca parcialmente fechada. É muito comum observar esse som, quando as ariranhas estão nadando ou andando de um lado para outro do viveiro.
- c. Grito seco: vocalização aguda, curta, menos intensa que o grito ondulado, emitida com a boca parcialmente aberta. Denota um baixo nível de interesse ou alarme.
- d. Rosnado: vocalização contínua e grave, de média intensidade, emitida com a boca parcialmente aberta. É emitida como forma de ameaça.
- e. Roncando: vocalização semelhante ao rosnado, é observada em duas situações: logo após ter sido lançado o alimento (no momento em que as ariranhas pegam o peixe e o devoram com grande rapidez) e durante a cópula (emitida pelo macho).

f. Bufando: vocalização grave, intermitente, nasalada e grossa. Denota alto grau de ameaça, sendo a forma de reação quando se sentem em perigo.

### **5.3 Hábitos alimentares**

As lontras selvagens predam principalmente peixes, tais como: traíras (*Hoplias ssp*), cangatis (*Trachycoryste ssp*), tamoatás (*Hoploternum ssp*), tilápias (*Tilapia ssp*), carás (*Cichlasoma ssp*), matrinchans (*Brycon ssp*), surubins (*Pseudoplatystoma ssp*), e ocasionalmente crustáceos, anfíbios, mamíferos, insetos e pássaros (Salvo Souza & Best 1982; Helder - José & Ker de Andrade 1997; Pardini 1998).

As lontras do rio comem cerca de um quilo e meio de comida por dia, o equivalente a doze por cento do peso do seu corpo. Por outro lado, as lontras marinhas comem cerca de nove quilos e quatrocentos gramas por dia, equivalente a trinta por cento do seu peso, pois tem a taxa metabólica maior que a das lontras do rio (Marshall 1986).

No zoológico de Brasília as lontras são alimentadas com tilápias (*Tilapia ssp*). Quando os peixes são jogados no fosso, os animais avançam sobre o alimento, dando preferência aos maiores e aos que estão no fundo. A alimentação é caracterizada por um período inicial muito voraz, que vai diminuindo de intensidade. É importante ressaltar que as lontras e ariranhas mantidas em cativeiro costumam matar mais peixes do que ingerem, o que não acontece com indivíduos selvagens (Salvo Souza & Best 1982).

### **5.4 Demarcação do Território e Higiene**

O território é exclusivamente usado e defendido, individualmente ou por um grupo de animais, contra outros da mesma espécie. Essa defesa pode ser em forma de uma briga, mas geralmente envolve pouca agressividade comportamental por parte do animal (Marshall 1986; IUCN 1992).

As lontras usam depósitos fecais para delimitar o território. Esses depósitos fecais são feitos em lugares nítidos, como uma rocha proeminente,

embaixo de pontes ou raízes de árvores, e no local de encontro entre ribeirões. Os caminhos por terra também são comumente marcados por excrementos. Os machos geralmente têm o território maior do que o das fêmeas (Marshall 1986; IUCN 1992).

O excremento tem um distinto odor almiscarado e freqüentemente contém restos identificáveis de comida como espinhas de peixes, ossos de anfíbios ou restos de crustáceos, como caranguejos e ouriço do mar. Para as lontras, os excrementos são um importante transmissor de informações sobre as espécies e até da própria identidade individual, tão bem quanto sua idade, condição reprodutiva e *status* social (IUCN 1992; Carter & Rosas 1997; Pardini 1998).

As ariranhas em cativeiro, também demarcam seu território com excrementos, esfregando suas patas sujas de fezes e urina nos barrancos próximos à água. A eliminação dos excretas ocorre várias vezes ao dia, sendo escolhido um determinado local pelo animal em cativeiro, que passa a ser utilizado como “banheiro” por longos períodos (Salvo Souza & Best 1982; Marshall 1986).

Todos os animais peludos gastam tempo limpando os pêlos, a fim de remover os parasitas e manter o pêlo em boas condições. As lontras não são exceção e dedicam boa parte do tempo a essa tarefa, limpando a pelagem com os dentes, ou rolando na areia (Salvo Souza & Best 1982; IUCN 1992).

Nas ariranhas em cativeiro, os cuidados com a pelagem ocorrem antes de se deitarem para o período de repouso. É muito comum observarmos uma ariranha limpando a outra (Salvo Souza & Best 1982).

## **5.5 Reprodução e Cuidados com a Prole**

A maturidade sexual das lontras é atingida por volta de dois anos. A cópula ocorre na água, onde a fêmea é trazida pelo macho, que parece querer brincar com ela. O macho morde a parte dorsal do pescoço da fêmea, de modo a evitar que ela escape, girando seu próprio corpo até ficar de lado. Nessa posição e com o auxílio das patas dianteiras, que abraçam a fêmea, o macho coloca a parte posterior do seu corpo por baixo da cauda da fêmea, unindo as genitálias. A

cópula pode durar de três a trinta minutos e ocorre várias vezes ao dia (Salvo Souza & Best 1982; Carter & Rosas 1997).

A gestação das lontras é de geralmente nove semanas, mas em algumas espécies de lontras como as marinhas *Enhydra lutris* e a do rio americana *Lutra canadensis*, pode durar até um ano. Esse longo período pode ser explicado pelo seguinte processo: após a fecundação, o ovo fertilizado ao invés de se implantar imediatamente na parede do útero, flutua ao redor e somente é implantado quando se desenvolve depois de um certo período de tempo. Isso permite que o nascimento ocorra na primavera, quando o clima e a disponibilidade de presas estão em suas melhores épocas. O período de gestação das ariranhas em cativeiro é cerca de setenta dias, e com o avanço da gravidez é possível notar um aumento considerável das tetas. Foi observado o mesmo período de gestação – setenta dias – para as lontras marinhas em cativeiro (Salvo Souza & Best 1982; Marshall 1986; Carter & Rosas 1997).

O parto ocorre na toca, com o macho muito inquieto. E os filhotes são trazidos para fora da toca entre treze e vinte e cinco dias após o nascimento. Nas ariranhas do zoológico de Brasília, esse momento provoca grande excitação em todos os animais do viveiro, com as ariranhas reunidas e vocalizando intensamente o grito ondulado. As primeiras saídas dos filhotes são curtas, tornando-se mais longas à medida que os filhotes crescem. Com a idade de três meses, os filhotes nadam, andam e comem normalmente (Salvo Souza & Best 1982; Marshall 1986; Louzada da Silva *et al* 1995).

As jovens lontras tornam-se independentes entre sete e doze meses, quando procuram por seu próprio território (Marshall 1986).

As ariranhas observadas no zoológico de Brasília realizam cuidados parentais com a prole, sendo a limpeza dos filhotes, atividade exclusiva da fêmea. Tanto o macho quanto a fêmea transportam os filhotes, carregando pela boca. E desde os primeiros dias de vida o filhote é deixado solto na água (Louzada da Silva *et al* 1995).

O grupo todo demonstra grande interesse pelos filhotes, oferecendo alimentos e permanecendo próximos à grade que divide o viveiro, durante o período em que os filhotes são expostos (Louzada da Silva *et al* 1995).



As brincadeiras são realizadas por ambos os pais, às vezes em conjunto, e consistem em rolar o filhote na terra, morder-lhe a cabeça e pegar o filhote com as patas dianteiras e suspendê-lo no ar (Louzada da Silva *et al* 1995).

Em seu ambiente natural, as lontras provavelmente morrem antes do amadurecimento e poucas sobrevivem além do oitavo ano. Em cativeiro, entretanto, onde há comida e nenhum perigo a ser enfrentado, as lontras tendem a viver muito mais (IUCN 1992).

## **6. Conservação**

IUCN – The World Conservation Union – é um importante órgão responsável pela conservação de animais em perigo de extinção. Este tópico foi baseado em IUCN (1992).

Diversos fatores estão envolvidos no declínio da população mundial de lontras, tanto em termos de tamanho de população como a distribuição atual. Historicamente, isso aconteceu principalmente em função da caça. As lontras eram mortas por causa de seu pêlo que possuía grande valor comercial. Hoje, a poluição e a destruição do habitat são as ameaças mais críticas para a sobrevivência das lontras.

A poluição tem desempenhado um importante papel na morte da população de lontras. A forma mais comum de poluição é a de resíduos orgânicos vindos de indústrias e residências. Rios e oceanos têm servido como depósitos para esses resíduos.

O derramamento de óleo não somente contamina praias, como também afeta muitas espécies marinhas. O pêlo da lontra contaminado com óleo, resulta em uma redução do poder de flutuação e diminui a perda de calor, causando a morte por fome e hipotermia.

Os produtos químicos como organoclorados, e metais pesados que são jogados em rios e lagos pelas indústrias, afetam o sistema imunológico deixando as lontras mais susceptíveis à doenças.

As lontras são altamente seletivas na escolha do habitat. Como muitas espécies, a população mundial de lontras está sob considerável pressão por causa da destruição do seu habitat.

Na terra, as lontras precisam de um refúgio seguro para dormir e reproduzir. Algumas escavam sua toca, mas a maioria faz uso de algumas facilidades já existentes como buracos na beira do rio, cavidades entre árvores ou pântanos.

Como resultado do desenvolvimento da agricultura, muitos rios têm se afastado da vegetação e também freqüentemente, têm se tornado mais estreitos ou inundados artificialmente. Pântanos e pequenos lagos também têm sido drenados. O resultado final é uma diminuição significativa de habitat adequado para as espécies aquáticas em geral.

A construção de represas – grandes ou pequenas – também pode ameaçar a sobrevivência das lontras, uma vez que interrompem o ciclo natural dos rios, formando barreiras aos movimentos de muitas espécies e resultando em maiores alterações no habitat correnteza abaixo.

A caça ilegal de lontras por causa do pêlo, tem sido a maior ameaça para a sobrevivência destes animais. Em alguns instantes, pouca ou nenhuma informação é avaliada em ecologia ou status da população desses animais que estão sendo caçados. Quando tais dados são avaliados, e sugerem a presença de uma população saudável, é possível que dando coordenação e controle apropriados, possa permitir, a caça legal de um número limitado de animais a cada ano.

Em partes da América do Norte e Canadá, por exemplo, a caça controlada de lontras de rio é permitida, com o número de animais pegos a cada ano sendo cuidadosamente monitorado.

Apesar da proteção contra a caça no Canadá, a US Marine Mammal Protection Act permite aos nativos do Alasca caçarem lontras marinhas por propósitos tradicionais.

O número de lontras marinhas caçadas dessa forma tem aumentado de quatro em 1982, para quinhentos e cinquenta e cinco em 1986, com um total de mil e quarenta e nove animais capturados durante esse período. Enquanto o impacto dessas atividades na população de lontras for desconhecido, e a caça de

lontras pelos nativos do Alasca continuarem sem uma regulamentação e controle apropriados, as populações de lontras marinhas poderão sofrer um grande problema.

A história deixa um claro registro da vulnerabilidade da lontra marinha à exploração humana, e o avanço da tecnologia faz as lontras marinhas mais vulneráveis à exploração humana do que antes.

A conservação de certas espécies, como por exemplo a lontra marinha é uma prioridade de conservação imediata.

As ariranhas estão no *status* “vulnerável” de acordo com a Lista Vermelha de Categorias da IUCN (1994). Porém o acúmulo de mercúrio no ecossistema e a degradação das populações de ariranhas, vem aproximando cada vez mais esse *status* de “vulnerável” para “em perigo” (Carter & Rosas 1997).

Na Amazônia brasileira, as lontras e ariranhas foram drasticamente reduzidas, nos anos em que houve um grande comércio de peles. Com a proibição dessa atividade econômica em 1967, pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal – IBDF, a matança de ariranhas foi reduzida bastante, mas não o suficiente para recuperar as populações dessa espécie. Em 1994, as ariranhas foram consideradas como os animais mais ameaçados da região amazônica, e suas populações eram restritas às cabeceiras dos rios de segunda e terceira ordens, normalmente áreas onde a navegação é difícil, devido ao grande número de cachoeiras e corredeiras, como nos altos rios Aripuanã e Juruena, no estado de Mato Grosso (Monteiro & Kaz 1994).

As lontras só podem ser conservadas de forma coerente, baseada em estratégias de conservação que recebam a simpatia e o suporte do público.

É preciso adicionar algumas questões relacionadas a conservação de lontras, como por exemplo: melhorar a legislação, aperfeiçoar o controle de poluição e proteção ao habitat, e programas de esclarecimento e educação para a população.

## 7. Referências Bibliográficas

- Carter, S. K e Rosas, F. C. W. 1997. *Biology and conservation of the Giant Otter Pteronura brasiliensis*. Mammal Rev. volume 27. Nº 1. 1 – 26. Printed in Great Britain.
- Carthy, J. D. 1980. *Comportamento Animal*. Coleção Temas de Biologia. Tradução: Philip E. Howse; Volume 14. 2ª edição. Editora Pedagógica e Universitária LTDA; São Paulo.
- Helder - José e Ker de Andrade H. 1997. *Food and feeding habits of the neotropical river otter Lontra longicaudis (Carnívora, Mustelidae)*. Mammalia Ver. 1997. volume 61. Nº 2. 193 – 203.
- IUCN. 1992. *Otters*. The World Conservation Union; Species Survival Commission;.
- Louzada da Silva, D.; Néo, F. A.; Magalhães, C. L.; Reis, M. L.; Santos, A. S. A. 1995. *Estudo de Comportamento Parental de Ariranha (Pteronura brasiliensis Gmellin, 1788) no Zoológico de Brasília, Brasil;*
- Marshall, C. 1986. *Animal World – Mammals: their lives and their future*. WWF.
- Monteiro S. e Kaz L. 1993 – 94. *Amazônia – Flora e Fauna*. Edições Alumbamento. Livrosarte Editora. Rio de Janeiro.
- Pardini, R. 1998. *Feeding ecology of the neotropical river otter Lontra longicaudis in the Atlantic Forest stream, south – eastern Brazil*. J. Zool. Lond. Nº 245. 385 – 391. Printed in the United Kingdom.
- Salvo Souza, R. H. S. e Best, R. C. 1982. *Contribuição sobre o Comportamento de Ariranha (Pteronura brasiliensis, GMELLIN, 1788) em cativeiro*. Contribuição nº 34 da Divisão de Mamíferos Aquáticos, INPA. Manaus, AM.